

O mundo latino em redor da Contabilidade

VIII Prolatino – Teste à capacidade da CTOC e um grande sucesso

«Este congresso foi um momento de glória da nossa latinidade.» Estas palavras, proferidas por António Lopes de Sá, mentor do Prolatino, na sessão de encerramento da oitava edição do Congresso traduzem na perfeição o que se passou ao longo de dois dias (7 e 8 de Abril) no Europarque, em Santa Maria da Feira. Cerca de 1100 participantes, 13 comunicações apresentadas, oradores de cinco países (Portugal, Brasil, Espanha, Itália e Argentina), a visita de dois secretários de Estado: estes e outros números atestam a grandeza, o impacto e o entusiasmo que o VIII Prolatino – Congresso Internacional de Contabilidade do Mundo Latino, gerou em toda a co-

munidade científica, académica e profissional que se interessa pelas questões da Contabilidade. Por tudo isso, os dois dias de congresso arriscam-se a ficar na história.

Foi a primeira vez que o Prolatino, projecto concebido e desenvolvido por um dos grandes nomes da Contabilidade mundial, António Lopes de Sá, saiu do Brasil. A CTOC aceitou o desafio, deitou mãos à obra e assumiu a responsabilidade de organizar a oitava edição deste importante evento. Foi a primeira vez e, por certo, não será a última.

Ao longo dos dois dias de congresso, num ambiente sereno e cordial, a Contabilidade foi abordada sob múltiplos aspectos, enrique-

cendo os presentes com uma visão integrada de uma ciência social em permanente evolução e sobressalto. «Normalização Contabilística», «O ensino da Contabilidade», «A profissão, sua influência no desenvolvimento da Contabilidade», «Contabilidade pública», «Contabilidade de Custos» e «A Contabilidade: passado, presente e futuro», foram os seis painéis escolhidos pela organização que originaram intervenções de inegável interesse e valor científico.

Papel moralizador dos TOC

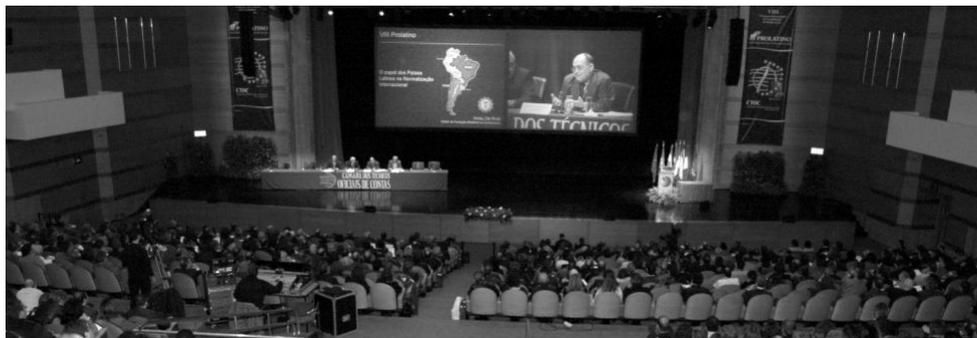
Coube a João Amaral Tomaz, secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, representar o Primeiro-Ministro na sessão de abertura do VIII Prolatino. Este responsável salientou o papel decisivo que os TOC desempenham na arrecadação de 20 milhões de euros para além do previsto no primeiro trimestre de 2006 referente ao Pagamento Especial por Conta. João Amaral Tomaz chamou a atenção para o esforço que estes profissionais realizaram pa-

ra interiorizar as alterações contabilísticas verificadas no último Orçamento do Estado. O secretário de Estado salientaria ainda a importância da «vertente ética da Contabilidade» numa altura em muitos pensam que vale tudo para atingir os fins e lembrou que os «TOC têm um papel moralizador para o cumprimento voluntário das obrigações fiscais.»

Domingues de Azevedo, por seu lado, para além de ter dado as boas vindas a todos os participantes, lembrou como tudo se passou: «Lopes de Sá aceitou o convite que lhe dirigi, em Outubro, na Baía, o que muito nos honrou» e garantiu que o esforço da CTOC é justificado porque é «uma forma dos profissionais reavivarem conhecimentos e de sensibilizá-los para uma análise mais profunda das temáticas.»

Maria Clara Bugarim, presidente do Conselho Federal de Contabilidade, reiterou a importância do Prolatino como forma de trocar experiências «com os colegas do mundo latino» e deixou uma certeza que reflecte a





grandeza da ciência contabilística: «A Contabilidade é hoje a linguagem internacional dos negócios.»

Reconhecido internacionalmente é também, de forma incontornável, o mentor de todo este projecto. António Lopes de Sá, visivelmente emocionado, lembrou que «o mundo latino é responsável pelos alicerces da Contabilidade e pela introdução da cultura contabilística.» Autor de cerca de 170 livros, este reputado académico brasileiro recordou o «regresso às terras dos seus antepassados» e deixou uma frase lapidar: «Sou português por opção e brasileiro por naturalidade.»

Desassossegar os espíritos sossegados

Sucederam-se as exposições. Estilos e linguagens diferentes, mas um denominador comum: a riqueza de conteúdo. O tempo trouxe consigo temáticas e abordagens diversas que permitiram olhar a Contabilidade sob ângulos pouco comuns. Tendo como moderadores alguns dos nomes mais sonantes da contabilidade nacional (Rogério Fernandes Ferreira,

João Baptista Carvalho, Camilo Cimourdain de Oliveira, Avelino Antão, Pires Caiado e Hernâni Carqueja), os diversos painéis e respectivas intervenções foram-se sucedendo a um ritmo suave, proporcionando, por vezes, clamorosas ovações e debates mais intensos, face à diversidade de informação disponibilizada pelos oradores.

Se o balanço do primeiro dia era obrigatoriamente muito positivo, o dia seguinte não lhe ficou atrás. O nível das comunicações continuou elevado, captando a atenção da assistência e enriquecendo os presentes com novos conhecimentos e descobertas.

A sessão de encerramento, presidida por João Tiago Silveira, secretário de Estado da Justiça, viria a confirmar isso mesmo. Todas as intervenções, desde a de Domingues de Azevedo, presidente da Direcção da CTOC, passando por Manuel dos Santos, presidente da Mesa da Assembleia Geral, até às de Antoninho Trevisan, vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências Contábeis e de António Lopes de Sá, realçaram a excelência da organização e o elevado ní-

vel que o congresso atingiu. João Tiago Silveira relembrou o esforço que o Executivo está a fazer no sentido de tornar mais céleres e económicos diversos actos das empresas, sublinhando a importância que os TOC têm em muitas das fases desses processos. O governante fez também questão de referir que muitas destas medidas foram propostas pela CTOC, o que revela bem do apreço e atenção que a opinião da Câmara tem merecido.

Domingues de Azevedo, por seu lado, falou da luta antiga e do papel decisivo da CTOC pela desmaterialização das declarações e afirmou que se começa a «perder a visão paternalista e tentacular do Estado no seu relacionamento com os cidadãos.» O presidente da Direcção da CTOC foi mais longe e deixou antever o que será o futuro próximo: «Queremos continuar a desassossegar os espíritos sossegados.»

A sessão de encerramento não terminaria sem a intervenção emocionada de António Lopes de Sá. O professor brasileiro elogiou a «extraordinária capacidade organizativa», falou dos perigos de uma normalização

contabilística internacional, mostrou-se incomodado com a predominância do pensamento anglo-saxónico e deixou uma certeza com laivos de eternidade: «Cada um de vocês está no meu coração.» A plateia gostou e aplaudiu. Em pé. Um ponto final gigante para o VIII Prolatino. ★

Relatório e Contas de 2005 aprovados por esmagadora maioria

AG registou apenas um voto contra e uma abstenção

O Relatório e Contas relativos ao ano de 2005, apresentado pela Direcção da CTOC, foram aprovados com 80 votos a favor, um contra e uma abstenção. Na Assembleia Geral, que teve lugar no auditório da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo (CCDR), em Évora, o outro ponto agendado para discussão – o parecer do Conselho Fiscal sobre o mesmo relatório – mereceu 81 votos favoráveis e a abstenção de um dos presentes.

A cidade de Évora foi o local escolhido pela Direcção da CTOC para a realização do evento, decisão que se insere no esforço para «descentralizar e estimular o desenvolvi-

mento das actividades locais, aproximando os membros da Instituição». Referindo-se ao documento em apreciação, Domingues de Azevedo, enalteceu o valor de 8,5 por cento atingido na relação entre despesas e receitas: «Tomara que muitas empresas em Portugal tivessem médias de execução orçamental como a nossa». Cunha Guimarães, presidente do Conselho Fiscal da CTOC, sublinhou que as contas da Instituição «são provavelmente das mais auditadas e fiscalizadas do país.»

Depois de se pronunciar sobre o relatório submetido à análise dos membros, o Presidente da Direcção não escondeu a sua «triste-

za e decepção» pela «escassa participação dos membros da maior instituição do país» (82 pessoas) na reunião magna. «Se esta atitude dos membros pode ser entendida como um sinal de confiança nos seus órgãos dirigentes, não deixamos de mostrar a nossa insatisfação, ainda para mais tratando-se da votação de um Relatório e Contas que é, seguramente, um dos momentos mais nobres para qualquer instituição, em que se avalia o que se prometeu e o que foi executado».

Domingues de Azevedo acrescentou que «a profissão carece de uma imagem mais una e forte e que aos TOC falta uma convicção de segurança», que só pode ser aumentada com mais exigência e responsabilidade: «Temos “vendido” socialmente uma imagem de facilidade, quando temos de ser mais exigentes.» O Presidente da Direcção da CTOC lembrou que 2005 foi um «ano capital, que servirá de trampolim para outros votos na profissão», tendo

destacado como ponto alto o Sistema Complementar de Segurança Social que pretende «aautelar a recta final da vida dos TOC portugueses e dimensionar humanamente as funções da própria instituição.» O responsável informou os membros presentes no auditório da CCDR que foram canalizados 745 mil euros para o Fundo de Pensões da CTOC no ano transacto, estando a atribuição das primeiras reformas prevista para 2010, «quando existir lastro financeiro.» O ano que findou, para além de celebrar o décimo aniversário do reconhecimento público da profissão, marcou a «conclusão de outros processos que terão um impacto decisivo no nosso futuro», como é o caso das novas instalações da CTOC, com inauguração prevista para o início de Maio. «A nova sede, que dispõe de 3 600 metros quadrados de área útil, vai permitir melhorar o serviço prestado aos membros e as condições de trabalho dos nossos colaboradores», disse.



Reforçar os quadros da Instituição com mais advogados e consultores foi outro dos objectivos traçados pelo presidente da CTOC, que tem em mente disponibilizar um serviço para que os membros interessados coloquem as suas questões para ser respondidas por via electrónica, em tempo real. «Não são megalomanias», até porque, reiterou, «é preciso estar ciente que as medidas que estamos a tomar vão mudar radicalmente a face e a imagem da nossa profissão num horizonte de 10 a 15 anos.»

Domingues de Azevedo não deixou de apontar que «a capacidade de intervenção da Instituição e os seus novos projectos têm sido objecto de ciúme, mas isso mais força nos dá para termos orgulho no edifício que estamos a construir para os profissionais.»

O esforço de investimento está a ser acompanhando

em paralelo por uma preocupação em racionalizar: a introdução da «Pasta TOC» permitiu poupar 176 mil euros em despesas de correio, o CD-Rom distribuído com a Revista vai passar a ser feito nas instalações da Instituição, o mesmo já acontecendo com a Revista «TOC», a cargo do departamento de Comunicação e Imagem, pondo termo ao regime de *outsourcing* que vinha a ser praticado.

Perspectivando o que resta do ano de 2006, Domingues de Azevedo sa-

lientou que a entrada em vigor da «desmaterialização das declarações fiscais» é uma vitória para a Câmara e para os profissionais, que se encontram «devidamente qualificados para responder às solicitações», contrariando os argumentos que por vezes se veiculam que a profissão de Técnico Oficial de Contas, está «envelhecida e impreparada.» E como contra factos não há argumentos, Domingues de Azevedo exemplificou: «Em 76 mil TOC, apenas um deles, com 84

anos, não conseguiu enviar a declaração fiscal por Internet.»

Sobre as condições de admissão na profissão, Domingues de Azevedo salientou o maior rigor já exigido nos exames de avaliação profissional, não afastando a possibilidade de endurecer futuramente os requisitos para a inscrição, e considerou o processo de Bolonha um desafio a vencer: «Não há profissão capaz de se impor na sociedade sem preocupações de qualidade.» ★



03 Inauguração a 2 de Maio

Novas instalações

As obras das novas instalações encontram-se praticamente concluídas. A inauguração está prevista para o próximo dia 2 de Maio, pelas 16 horas. Espera-se,

por isso, que esse seja mais um dia memorável para a história da profissão.

As novas instalações situam-se na Avenida Barbosa du Bocage, n.º 45, pró-

ximo do Campo Pequeno. Todos os profissionais estão convidados para comparecerem neste importante momento histórico da profissão. ★

É impossível normalizar a ciência

Antoninho Trevisan, Presidente da Academia Brasileira de Ciências Contábeis

Antoninho Trevisan afirma que a normalização contabilística é «reduzora» em termos qualitativos e beneficia os países com maior capacidade transnacional e económica, referindo-se aos Estados Unidos. O fundador da Trevisan – Escola de Negócios, a única faculdade brasileira criada por uma empresa de consultoria, está convicto que os cursos de Contabilidade terão de ser alterados em breve, porque o TOC «já não é um mero registador de informações», mas antes um profissional que interpreta e avalia os seus efeitos, desempenhando um papel central no delicado controlo das contas públicas.

Por Nuno Dias da Silva

TOC - Por que motivo é que a Contabilidade ainda não tem a visibilidade da Economia à escala mundial? É apenas uma questão de mediatismo?

Antoninho Trevisan – A Contabilidade trabalha com a precisão e a Economia com estimativas. Uma primeira explicação pode ser que a repercussão das previsões é mais fácil no am-

biente dos analistas e dos «media». Um segundo aspecto, que penalizou muito a Contabilidade, é que esta se ocupou nos últimos anos, particularmente nos países em desenvolvimento, em controlar a inflação e, mais do que isso, em registar os fenómenos de natureza económica dentro de um regime inflacionário.

TOC - Depois de um período de crise, em que foi abalado por diversos escândalos, o prestígio da Contabilidade já foi recuperado?

A. T. - Num primeiro momento os escândalos, entre outros, da Enron e da WorldCom, foram um duro revés, mas numa segunda análise eles chamaram a atenção, no meio académico, dos auditores e nas empresas, para a importância da boa Contabilidade. À medida que os capitais se interrelacionaram do ponto de vista mundial, tem-se assistido a um renascimento da Contabilidade. E é com base nesta disciplina que hoje em dia se fazem negócios

a uma velocidade muito grande, requerendo para tal um conhecimento muito superior ao que havia no passado.

Auditorias de carácter nacional ou regional tenderão a desaparecer

TOC - A normalização foi seguramente o tema mais quente em discussão no VIII Prolafino. O prof. Lopes de Sá fala em «casuismos, ausência de métodos e inversão de conceitos». Que virtudes e perigos identifica?

A. T. - De uma forma geral, as normalizações são redutoras, especialmente do ponto de vista da qualidade. A normalização da



Estou em crer que há uma ditadura vigente que procura estabelecer formas de compreensão da Contabilidade à luz de algum tipo de interesse

Contabilidade é, no fundo, querer normalizar a ciência, e isso é impossível. É de lamentar que para que se possa compreender ela fique demasiado simples - eu diria mesmo burra. Estou em crer que há uma ditadura vigente que procura estabelecer formas de compreensão da Contabilidade à luz de algum tipo de interesse, seja ele do investidor, que precisa juntar todos os balanços de vários países do mundo, ou do fisco, tendo em vista condicionar uma certa prática contábil para melhorar os resultados da tributação.

TOC - Os americanos são os principais beneficiados com a prática normalizadora?

A. T. - Num mundo capitalista, a normalização favorece quem detém a supremacia económica. Para além disso, beneficia quem tem uma maior capacidade transnacional, principalmente no campo das auditorias - e, consequentemente, as auditorias de carácter regional ou nacional, tenderão a desaparecer fruto da «pasteurização» da



auditoria no mundo. A única defesa possível para as pequenas firmas de auditoria é juntarem-se em rede.

TOC - Preconiza que a especificidade de cada país deve ser mantida?

A. T. - Ao «pasteurizar» perde-se o sabor das coisas. Na Contabilidade, passa-se o mesmo. Assume forma diferente registar um fenómeno numa empresa

do modelo de Bolonha. **Pensa que estamos num momento de viragem em termos de formação dos TOC no futuro?**

A. T. - Estou certo que os programas dos cursos de ciências contábeis terão que sofrer alterações. A pressão que existe sobre aquele que produz a informação contábil é maior, seja no campo das Finanças, Economia, Sociologia, Polí-

curso de ciências contábeis é maior do que para o curso de Economia. Os jovens já se estão a aperceber da mudança e a profissão ganha um novo «fair play», até há pouco inexistente.

TOC - A corrupção é um fenómeno à escala mundial. Que papel pode ter o TOC na prevenção desta prática?

A. T. - A corrupção tem a ver

A corrupção tem a ver com a ética e creio que a Contabilidade, tendo em conta o aumento da consciência ética, e os Técnicos Oficiais de Contas, através de uma lógica de transparência, podem exercer um maior controlo da sociedade, especialmente em relação às contas públicas



de mineração em África e outra no Brasil: por exemplo, a mão-de-obra e os custos de capital são diferentes - no meu país custa 15 por cento de juro ao ano, enquanto em Portugal, 2 por cento. Os fenómenos distintos devem ter um tratamento contabilístico também diferente.

TOC - Na Europa, está a iniciar-se a discussão sobre as repercussões para a profissão

ética e Relações Internacionais. Este profissional não é mais um mero registador dos fenómenos, mas sim um intérprete deles e um avaliador da eficácia da gestão empresarial. Logo, isso implica que os conhecimentos ao seu alcance terão de ser mais amplos. No Brasil, na Faculdade Trevisan, que foi baptizada com o meu nome, a procura para o

com a ética e creio que a Contabilidade, tendo em conta o aumento da consciência ética, e os Técnicos Oficiais de Contas, através de uma lógica de transparência, podem exercer um maior controlo da sociedade, especialmente em relação às contas públicas. Desde, claro, que as informações sejam entendidas e colocadas à disposição da sociedade. ★

Ciclo de Conferências saldou-se por assinalável êxito

Com a presença de António Lopes de Sá e Rogério Fernandes Ferreira

Integrado no programa de comemoração do 10.º aniversário da CTOC e, aproveitando a presença e a proeminência no domínio da Contabilidade e da Fiscalidade de António Lopes de Sá e Rogério Fernandes Ferreira, a Câmara, em concertação com aquelas personalidades, propiciou a realização de um ciclo de conferências onde, entre outras matérias, foram abordados temas relacionados com a profissão e com a Contabilidade, com especial relevo para as Normas Internacionais de Contabilidade. Nas localidades onde existem Escolas de Economia e Institutos de Contabilidade, como é o

caso de Lisboa, Porto e Coimbra, a realização foi conjunta entre as Faculdades de Economia daquelas localidades e os Institutos Superiores de Contabilidade e Administração aí existentes, experiência que foi extremamente salutar para todos os intervenientes.

Nas localidades onde existe apenas uma instituição a leccionar Contabilidade, como é o caso da Universidade do Minho, Universidade do Algarve, Universidade de Aveiro ou IPCA, a organização esteve a cargo da instituição de ensino.

Os eventos realizados em todas as localidades constituíram

um sucesso organizativo das instituições e foram reveladores do prestígio que a Câmara goza junto das instituições de ensino em Portugal.

A Câmara, por este meio, presta a sua gratidão e agradeci-

mento pelo forte empenho que todos colocaram na realização daqueles eventos, encontrando-se criadas as condições para, sempre que a matéria o justifique, se repetir a experiência. ★



II Congresso dos TOC a 3 e 4 de Novembro

No Pavilhão Atlântico

A encerrar a comemoração dos dez anos do reconhecimento do interesse público da profissão, a Câmara realizará nos dias 3 e 4 de Novembro o II Congresso Nacional dos Técnicos Oficiais de Contas.

Neste evento pretende-se, para além do debate das questões mais pertinentes

para o exercício da profissão, abrir a experiência da Câmara a todos os profissionais dos Países de Língua Oficial Portuguesa.

Nos termos da deliberação da Direcção, foi nomeado para secretariar este evento o membro honorário da CTOC, Alves da Silva. Serão convidados a participar neste con-

gresso profissionais do Brasil, Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Moçambique, Angola e Timor.

A experiência em Portugal pode constituir um excelente indicador para o desenvolvimento da profissão naqueles países.

Este gesto da CTOC não é movido por qualquer nostal-

gia colonialista mas apenas, e só, o facto de ter já percorrido um caminho cuja experiência e saber pode constituir-se útil aos profissionais daqueles países.

A este evento, são atribuídos 20 créditos nos termos e para os efeitos previstos no Regulamento de Controlo de Qualidade. ★